

Acordos e desacordos de um casal: um junguiano lecionando com uma lacaniana

*Christian Gaillard**

Resumo: O autor deste artigo é um analista junguiano e professor de Psicanálise da Arte. Descreve aqui seu trabalho docente em conjunto com uma assistente na Academia Nacional de Belas Artes em Paris. Como sua assistente, ele escolheu uma analista lacaniana. Essa colaboração resultou em uma parceria de ensino a duas vozes, que foi, no início, muito feliz e quase idílica, mas que logo foi se tornando tensa e acabou em ruptura. Seguem observações a respeito dos prazeres, muitas vezes paradoxais, do ensinar, do erotismo peculiar que lhe pode dar vida e, especialmente, das experiências positivas e dos limites das ligações que se formam, tanto entre os professores, quanto entre professores e alunos.

Palavras-chave: Ensino, família, incesto, psicanálise, teoria.

Abstract: The author of this article is a Jungian analyst and a Professor of Psychoanalysis in the Arts and describes his work with a teaching assistant at the National Academy of Fine Arts in Paris. As his assistant he chose a Lacanian analyst. The collaboration resulted in teaching in two voices which initially was very happy and almost idyllic, but soon it became increasingly strained and ended in a break-up. Observations follow on the often paradoxical pleasures of teaching, the peculiar eroticism which may animate teaching, and especially the positive experiences and the limits of the bonds which are formed both between the teachers as well as between the teachers and the students.

Key-words: Teaching, family, incest, psychoanalysis, theory.

Eu adoro ensinar e é algo que venho fazendo há muito tempo. No início, por necessidade, mas, depois, cada vez mais, por prazer.

Inicialmente, por necessidade, já que, tão logo eu completei meus vinte anos, meus pais, que até então tinham tido uma boa situação financeira, perderam tudo. O resultado foi que meus irmãos e eu decidimos ganhar nosso próprio sustento, enquanto completávamos nossos estudos.

* Analista junguiano e professor de Psicanálise da Arte. Paris – França. christian.gaillard@ensba.fr
Tradução: Raquel Suzana Foglio. Revisão Técnica: Ana Angélica Albano e Olivia Mendonça da Motta Vieira.

Foi assim que fui levado a ensinar uma variedade de coisas a uma variedade de pessoas de todas as idades.

Ensinei francês, matemática e até educação física a alunos do ensino fundamental, como professor substituto, em uma vila suíça, perto de minha cidade natal.

Enquanto continuava meus estudos universitários na Suíça, ainda com o intuito de ganhar meu sustento, ensinei latim e literatura contemporânea durante vários anos, mas, naquela altura, eu lecionava em instituições particulares para crianças abastadas, vindas de todas as partes do mundo e que, freqüentemente, tinham dificuldade com seus estudos. Algumas vezes, eu também fazia companhia aos meus alunos; uma das alunas – eu me recordo – era uma jovem princesa imperial francesa, que acompanhei em seus passeios vespertinos de esquí, uma vez que, nessas escolas particulares de elite, os professores têm que necessariamente ser polivalentes.

Chegando a Paris para trabalhar em meu doutorado, tornei-me, rapidamente, assistente em um centro de pesquisa e logo estava apto a começar a ensinar em várias universidades. No início, era um professor auxiliar, mais ou menos comprometido com um número razoável de instituições, mas, depois, ao me tornar docente, naturalmente, fiquei responsável por uma turma fixa. Também, mais tarde, e ainda hoje, como analista didático, continuei contribuindo para a formação de meus futuros colegas.

Tive, portanto, a chance de conhecer e vivenciar o prazer de ensinar, de várias formas, em vários lugares e durante vários anos.

Em minha opinião, trata-se de um prazer um tanto paradoxal. Na verdade, extremamente paradoxal. O paradoxo está no fato de que ensinar pode, algumas vezes, parecer um prazer solitário e, outras vezes, um *prazer compartilhado*.

Trata-se de um prazer solitário, já que nos leva a descobrir através do nosso próprio discurso, muitas vezes de maneira inesperada, o que pensamos e sentimos, mas que, até aquele exato momento, ainda não havíamos nos dado conta e, portanto, a reconhecer o que estamos pessoalmente experienciando e vivendo.

Essa é a origem da alegria que jorra, repentina e claramente, ao encontrarmos as palavras e expressões certas para melhor exprimir o que ainda não sabíamos, mas que reconhecemos como sendo nosso.

É evidente que esse prazer de ensinar é uma das formas, e não a menos importante, de relacionamento com o inconsciente – um relacionamento vivo, inevitavelmente surpreendente, que nos desperta e estimula a fazer parte de um mundo que é surpreendentemente radiante, mas também, às vezes, inquietante. Conseqüentemente, esse prazer que eu estava chamando de solitário, é também, ao que tudo indica, um prazer criativo, o que quer dizer que não importa o que ensinemos: matemática, educação física, latim ou psicologia analítica, podemos fazer disso uma experiência viva. Uma experiência da vida simbólica que está adorme-

cida dentro de nós, pedindo para ser reconhecida e expressa – através de sua melhor forma – enquanto estamos expressando a nós mesmos.

(Estou, evidentemente, falando a respeito da minha própria experiência, quando estou ensinando em minha língua materna e quando posso me expressar da forma mais espontânea, imediata e livre possível, ou seja, quando posso hesitar, tatear o terreno e me perder um pouco a fim de encontrar meu modo de expressão. Isso é algo que não posso fazer quando tenho que me expressar, como estou fazendo agora, numa língua estrangeira – quando, pelo contrário, e esse é o caso, sofro e o meu relacionamento comigo mesmo sofre também ...)

Mas, como eu estava dizendo, esse prazer que é tão solitário, é, também, ao mesmo tempo, claramente, um prazer compartilhado, porque, independentemente do tamanho da audiência – seja de 300, 30 ou 12 pessoas, um grupo foi criado (de minha parte, como, tenho certeza, já adivinharam, prefiro uma platéia de 12 a 30 pessoas) – um grupo que ajudamos a criar, a quem servimos com o melhor de nós, enquanto contribuímos para sua própria dinâmica e evolução. Como recordamos, Jung escreveu muito bem sobre esse tema em 1916, em seus primeiros textos, os quais, na minha opinião, são dos mais marcantes até hoje. Naquele exato momento, ele estava vivenciando o que seria sua experiência mais solitária em termos de seu relacionamento com o inconsciente, ao mesmo tempo em que tinha que enfrentar suas obrigações para com os outros, para com o mundo exterior. Estou aqui particularmente pensando no texto intitulado *Adaptation, Individuation and Collectivity* (*Adaptação, Individuação e Coletividade*).

Mas o que há em comum entre o prazer solitário de ensinar e esse serviço prestado a outrem? Na minha opinião, é a dimensão erótica inerente ao ato de ensinar. Essa dimensão erótica se traduz pelo vínculo íntimo e pela força mobilizadora que é criada no relacionamento consigo mesmo e no relacionamento com os outros.

Esse vínculo íntimo e essa força mobilizadora são frequentemente absorventes e marcantes, fazendo com que nos lembremos deles vividamente, já que são verdadeiras aventuras, que podem chegar a mudar o rumo de nossa vida ou, pelo menos, a maneira como a enxergamos, o que, evidentemente, não pode ser vivenciado sem algumas complicações pelo caminho, nem ocorre sem ilusões ou desilusões, exigindo, assim, certos reajustes, de tempo em tempo, que podem ser difíceis, ainda que necessários.

Os alquimistas de outrora adoravam repetir a frase *Ars requirit totum hominem* (a arte reclama o homem inteiro), como fez Jung tempos depois, quando se referiu à prática da análise. Eu poderia dizer o mesmo com relação ao comprometimento com o ensinar – especialmente quando um homem e uma mulher se encontram, de alguma maneira, comprometidos, como aconteceu no meu caso, que gostaria de compartilhar com vocês agora.

Essa história começou de uma maneira que foi inesperada em dois níveis.

Foi há muito tempo, no final da década de 70 – dá até vontade de dizer *Era uma vez ...* Naquela época, eu era o diretor de um centro de pesquisa em Humanas, numa instituição criada por André Malraux, que tinha como finalidade apoiar e criar novos métodos de ensino em escolas de arte e de arquitetura.

Por sorte e pela seqüência aleatória de acontecimentos na vida institucional, às vezes caóticas, ofereceram-me a oportunidade de criar e garantir um novo curso, na prestigiosa Academia de Belas-Artes em Paris: um curso sobre a psicanálise da arte.

O evento era, ele e nele mesmo, extraordinário, visto que, nessa nobre instituição, praticamente nenhum curso novo havia sido introduzido, desde a sua criação, pelo rei, no século XVII. E também porque, até onde eu saiba, naquela época, não existia nenhuma outra cátedra de psicanálise da arte e, com certeza, não no campo da psicologia junguiana.

Mas o que foi ainda mais surpreendente foi que me permitiram ter um assistente da minha escolha.

Um assistente... Como escolher?

Meu primeiro impulso foi procurar entre meus colegas junguianos, mas minha experiência e minha já longa associação com Jung fizeram com que eu mudasse de idéia rapidamente. Não foi Jung que nos ensinou que o relacionamento com o inconsciente tem que ser acessado através do debate e da confrontação, especialmente quando se está lidando com arte e com os processos da criação?

Por essa razão, comecei a procurar em outra parte – ao meu redor, mas também além do círculo fechado de minha família junguiana, nos meios psicanalíticos cultivados por outras escolas de pensamento, que haviam desenvolvido teorias distintas das minhas e que demonstravam e abraçavam uma prática clínica consideravelmente diferente da minha.

Na realidade, como minha formação tinha como base o pensamento de Jung, assim como a companhia de Roger Bastide, meu primeiro mestre na universidade, e sua teoria antropológica, quando tive que criar e implementar esse novo curso – o que, devo ressaltar, fiz com grande entusiasmo – eu, deliberadamente, tentei evitar ou escapar da armadilha mais evidente da educação em todas as suas formas, a qual poderíamos denominar *incesto pedagógico*.

Mas será que é possível evitar o incesto nos prazeres do ensinar?

Quanto a mim, na época, considerei que seria uma boa idéia – mesmo que essa idéia pareça um tanto ingênua – escolher alguém do sexo feminino. E, de fato, escolhi uma colega da escola de Freud ou, para ser mais exato, uma neo-Freudiana; na realidade, uma lacanianiana, na mais pura tradição lacanianiana, que fazia parte da Escola da Causa Freudiana. Trata-se de lacanianos franceses, os mais próximos ao

próprio Lacan, um grupo formado por aqueles que permanecem obstinadamente fiéis, apesar do fato de o movimento lacaniano ter sido marcado pela deserção ou saída de inúmeros membros.

Eu já conhecia essa colega, embora superficialmente, já que havíamos trabalhado juntos anteriormente como pesquisadores na instituição que mencionei anteriormente. Mas estava tudo ainda para ser criado nessa nova colaboração, nessa nova relação tão estreita que nos aguardava.

Foi assim que essa história, esse estranho caso, começou.

No início, era tudo idílico. Uma lua de mel.

A princípio, decidimos lecionar como um todo, mas a duas vozes, sem hierarquia definida entre nós e nem em relação aos nossos futuros alunos. Ficou entendido que, enquanto um de nós falava, o outro ouviria, prestando atenção às reações expressas, direta ou indiretamente, pelos alunos, e depois, somente depois, ocorreria um debate entre nós e com nossos alunos.

Decidimos, também, propor aos nossos colegas da escola que esse novo curso não fosse obrigatório. Os alunos se matriculariam voluntariamente, com base em sua própria experiência com seu processo criativo como pintores, escultores, litógrafos ou qualquer outra prática de expressão através da multimídia. Os alunos participariam da maneira mais interativa possível, entre eles mesmos e conosco, com a única condição de participarem regularmente durante todo o curso.

Meus colegas aceitaram esse acordo um tanto inusitado, numa escola onde cada aluno é livre para ir e vir. Foi também bem recebido pelos alunos que, por sorte, formaram um pequeno grupo de 30, todos prontos para se dedicarem inteiramente a essa experiência de um novo gênero.

A experiência de ensinarmos juntos, a duas vozes, às vezes em sincronia e outras vezes em oposição, pôde, assim, começar. Começou realmente muito bem e assim continuou por três ou quatro anos.

Estava tudo indo às mil maravilhas, no melhor de todos os mundos possíveis, como diria Candide, de Voltaire, e havia um bom motivo para isso: nós adorávamos ouvir um ao outro, o que pode ser, como sabem, às vezes relaxante e outras, estimulante. Além disso, essa forma de trabalho nos permitia prestar mais atenção àquilo que escapava ou afetava muito a um ou ao outro e, simultaneamente, prestar atenção às reações dos nossos alunos.

Acima de tudo, nos respeitávamos mutuamente como psicólogos clínicos, a tal ponto que, se anotávamos, tão claramente quanto possível, diferenças em nossas abordagens teóricas, a fim de assim discuti-las melhor, elas podiam tornar-se secundárias, tão logo, passando do campo clínico para o de ensino, transferíssemos nossa atenção comum para obras de arte contemporâneas ou clássicas, que tentávamos, uma após a outra e, depois, conjuntamente, melhor compreender e explo-

rar; acima de tudo, procurávamos viver mais intensa e autenticamente, enquanto incentivávamos outros a fazerem o mesmo.

Estava indo tudo às mil maravilhas, no melhor de todos os mundos possíveis, mesmo, porém – vocês estão esperando por isso, imagino – nuvens escuras pairavam no horizonte e já nos ameaçavam com a promessa de raios e trovões.

De onde vinham?

De dois lados, creio.

As primeiras dificuldades vieram, inesperadamente, dos nossos alunos. Apesar de seu aparente prazer em participar do curso, e apesar de seu afinco e compromisso pessoal com os estudos, nós percebemos que estavam ficando cada vez mais incomodados, depois preocupados, até o ponto de, vários dentre eles, se mostrarem muito atrapalhados.

Por quê? Porque, apesar de seu evidente interesse pela interação que havia entre mim e minha colega, que era, muitas vezes, pessoal, além de teórica e metodológica, os alunos aguardavam uma *teoria unificadora*, uma verdade única e garantida, que nunca encontraram. Eles a esperavam de nós, seus professores.

Isso lhes causou sentimentos de desconforto e confusão, além de sentimentos de angústia mal disfarçados. Cada um, a seu modo, expressou esses sentimentos cada vez mais claramente. Entretanto, esse desconforto, essa confusão, que foi crescendo progressivamente, era muito mais do que apenas uma necessidade de uma teoria única e indivisível na qual pudessem confiar. Tornaram-se impacientes e até protestaram às vezes. Era como se fosse difícil para eles participar dos nossos debates sem poder intervir de fato. Era como se eles não pudessem tolerar as divergências pessoais reais ou imaginárias que, em sua opinião, havia entre mim e minha colega. Na realidade, era como se eles estivessem na terrível posição de crianças que se sentem impotentes e rejeitadas frente a essa “cena primitiva”. Era como se estivessem diante de seus pais que brigavam e que, talvez, fossem se destruir um ao outro...

Simultaneamente, essa tensão que havíamos criado em nossa platéia logo se tornou clara em nós também. Assim sendo, pela maneira com que nossos alunos nos observavam, nos ouviam e, logo, manifestavam sua preferência por um de nós, minha colega e eu começamos a nos sentir como num jogo. A natureza aberta dos nossos debates estava afetada. Cada um de nós tentava conquistar os alunos, ganhar sua atenção, seu apoio e, sem dúvida, seu amor. Cada um de nós queria, mais ou menos conscientemente, ser o favorito e, assim, estar no controle. Tornamo-nos rivais.

Tentamos conversar sobre o assunto, nos explicar e, assim, superar as dificuldades. Após cada aula, dedicávamos bastante tempo, freqüentemente mais que uma hora, procurando compreender o que havia acontecido com nossos alunos e entre nós. Tudo em vão. A tensão entre nós continuou a crescer, porque, deve ser destacado, durante todo o tempo, durante todos aqueles anos de íntima colabora-

ção, nós tínhamos feito todo o possível para *deixar de lado diferenças* que, não obstante, eram evidentes: eu era o docente; ela, a minha assistente. Esses papéis, existentes naquela escola e talvez em todas as instituições de ensino e pesquisa, na realidade, criavam uma *hierarquia* que não podia ser negada.

Além disso, na tentativa de sermos colegas, tentávamos não apenas rejeitar ou negar essa hierarquia, mas também negar o inegável fato de que *ela era uma mulher e eu, um homem*, um fato que criava entre nós laços e ambivalências, com as quais nossa colaboração – que mais parecia *uma relação de irmão e irmã* – mal conseguia chegar a um acordo.

Deve ter ficado claro, portanto, que, apesar dos nossos esforços conjuntos para continuar nosso trabalho e ajustar nossos métodos, *as cartas já estavam postas*. Continuamos a trabalhar juntos por mais alguns anos, mas a felicidade experienciada nos primeiros anos estava perdida. Finalmente, nossos caminhos se separaram. Isto aconteceu, sem dúvida, porque, num relacionamento de irmão e irmã, como o que nós havíamos tentado manter, existe uma *contradição*. O relacionamento em si atrai a *rivalidade* e a necessidade de *separação* num futuro mais ou menos próximo.

Chegamos, assim, à minha conclusão – uma conclusão que, agora, submeto à discussão.

Para concluir, diria que, sem dúvida, qualquer experiência de ensino ou, pelo menos, qualquer experiência viva leva a formas muito particulares e privilegiadas de auto-expressão, comunicação, troca e interação. Em suma, é próprio da educação criar um tipo de comunidade ou mesmo uma comunhão, que é endógena e, no fundo, incestuosa, entre aqueles que ensinam e aqueles que aprendem e entre os próprios professores. Resumindo, me pergunto se uma instituição de ensino não é sempre um pouco uma *casa do incesto*...

Na teoria, isso poderia parecer um retrocesso, mas, na prática, pode revelar-se uma verdadeira fonte de felicidade, uma felicidade verdadeiramente excepcional, já que é surpreendente e extremamente rica. É, de fato, criativa, em função de sua relação com o inconsciente; um relacionamento particularmente aberto e intenso, que, então, se faz disponível para ser vivenciado.

Essa felicidade tem um preço, entretanto. Ela cria seus próprios problemas – problemas que surgem do fato de que, mesmo as diferenças entre professores e alunos, e também entre os próprios professores, tendem a diminuir e enfraquecer, a ponto de negar as *diferenças de idade e gênero*. É como se revivêssemos os tempos felizes de nossa vida em família e entre irmãos, quando pais e filhos, irmãos e irmãs, se amam uns aos outros sem diferenças de sexo ou gerações.

Isso contribui para a *dimensão erótica* em si, presente na questão em pauta – exatamente como a que pude experienciar com meus queridos alunos e minha querida colega. Mas todas as coisas boas chegaram a um fim. Nessa experiência, os

alunos encontram seu antigo prazer e seus velhos medos, crescem ainda mais e depois vão embora. No que diz respeito aos professores, que escolheram levar suas vidas em condições e em “lares” muito bem protegidos, esses acabam descobrindo por si mesmos, ou redescobrem, paradoxalmente e talvez de uma maneira mais sensível do que em qualquer outro lugar, *a natureza primitiva de todos os relacionamentos humanos*, que é particularmente pungente entre irmãos: a necessidade de ser amado, de ser o favorito e, portanto, a rivalidade, assim como as dificuldades presentes no conflito entre gerações, entre sexos e entre *status* sociais.

A questão que surge aqui – e que coloco a vocês – é saber se nós junguianos, analistas junguianos, estamos confortáveis para encarar tal situação, tal experiência, tal desafio – porque, na realidade, é apenas isto: *um desafio*.

Estamos ou não estamos melhor equipados que nossos colegas analistas Freudianos e, mais especificamente, lacanianos?

Bem, essa questão, eu pessoalmente posso responder que sim. Resumindo, acho que estamos numa posição suficientemente confortável para fazer frente a tal desafio – mesmo que, de minha parte, eu não tenha agido ou reagido da melhor maneira com minha colega laciana.

Acredito que estamos numa posição suficientemente confortável para fazer frente a tal desafio, porque temos *um gosto pelo confronto*. Também porque estamos suficientemente bem treinados, pelo menos, na teoria, para trabalhar com a *diferenciação das experiências primitivas, mais arcaicas*; logo, porque estamos particularmente atentos às questões de regressão e incesto e porque aprendemos, talvez até mais do que alguns dos nossos colegas Freudianos, e acima de tudo, do que os lacanianos, como nos arriscar nessas áreas da psique, onde a criatividade, com seus riscos e perigos, encontra sua fonte e sua matéria prima.

Além disso, é possível que tenhamos um melhor *senso de diversidade e relatividade* com relação às diferentes perspectivas e pontos de vista; talvez até melhor do que nossos colegas Freudianos e lacanianos; pelo menos, melhor do que o de alguns deles. Isso porque fomos acostumados e treinados, desde, pelo menos, 1911 ou 1912, a observar a diversidade e a pluralidade presentes no mundo psicanalítico, a tirar ensinamento dessa diversidade e pluralidade e a utilizá-las em nossa teoria e prática. Fazemos isso sem acreditar cegamente ou fazer com que outros aceitem que a verdade, a vida e o caminho correto só são encontrados através de nós mesmos, e não através dos outros.

Isso se dá a tal ponto que estamos acostumados e treinados a vivenciar a diversidade mesmo dentro do nosso próprio mundo junguiano, com suas diferentes tendências, “escolas” e debates constantes...

Isso nos deveria levar a aceitar e assumir uma colaboração de ensino e pesquisa, com nossos colegas de tradições psicanalíticas diferentes das nossas, melhor do que eu mesmo fui capaz de fazer...